

Cada governante brasileiro que sai deixa para o sucessor um país pior do que recebeu, exclusive o governo Sarney, insuperavelmente desastroso. O governo Collor foi um *thriller* cômico/trágico, a Economia conduzida de modo ridículo. O governo Fernando Henrique foi lastimável, pecando clamorosamente quando, ao fim do primeiro mandato, não fez os inadiáveis ajustes no Plano Real, comprometendo a preciosa herança do breve governo do Estadista Itamar Franco por razões eleitoreiras; quando FH saiu, encerrando uma Administração com sabor adventício, o Brasil era modelo perfeito e acabado de fragilidade econômica e cambial, com ridículas Reservas de 38 precários bilhões de dólares americanos, um fragilíssimo coitadinho, uma plena, inexplicável e injustificada soberba. Aos dois governos Luis Inácio reserva-se o julgamento da História; eles abalaram, com pesada sacudida verde e amarela, a longa história de desrespeito ao país e suas não-elites, algo insuportável para o critério desde sempre prevalecente, salvo nas Administrações Vargas, que, lamentavelmente, se teve de desenvolver ditatorialmente para conseguir nos dar rumo decente econômico, social e trabalhista ao promover as bases da industrialização e realizar a segunda abolição da escravatura no país. Os governos Dilma foram comprometidos, no início do segundo mandato, pela criminoso insanidade do não se elegerá, se ganhar não leva, se levar não governa, se governar, sai. Saiu. Limpa, num impedimento de sequer razoáveis bases jurídico/constitucionais, até hoje nada pesando criminal ou administrativamente de grave contra ela. A Administração atual é inqualificável, por tudo de ruim que representou para o país, ostentando por únicas coisas boas as medidas propostas pela destituída Sra. Presidente ao Congresso, que não as apreciou ou votou em seus mandatos, mas foi muito expedito ao apreciá-las e aprová-las logo ao início da colocação do Vice-Presidente na cadeira presidencial em governo que já acabou sem nunca haver de fato começado, senão formalmente, um governo natimorto que não merece, por isso, sequer os réquiens da extinção, certamente por não merecer *o requiem aeternam*. Sem falar no Pré-Sal e na EMBRAER, que não pode ser absorvida pela fabricante estrangeira de aviões. Onde serão produzidos os nossos caças, escorrerá entre os nossos dedos a joia do avião de transporte, já testado e pronto para comercialização? Será mais um dos nossos esforços bem sucedidos entregue de mão beijada ao exterior? Começaríamos do zero, o que significa não ter indústria aeronáutica, assim como não temos uma montadora de automóveis e veículos pesados genuinamente brasileira, o nosso imenso mercado interno e as nossas exportações de veículos automotores colocados graciosamente nas mãos de montadoras estrangeiras? Armamentos e veículos blindados; todos podem ter sua indústria bélica, menos o Brasil? E, nessa toada, lá vai o país caminhando para o despenhadeiro, já à vista.

Não há país soberano quando se tem de sair de mansinho ao primeiro bater de pés; não há potências desarmadas. O Brasil (ainda) reúne todos os requisitos para ser potência, população, vastidão territorial, energia, matéria-prima, riquezas naturais, e faz parte de um clube de alta tecnologia. Que tal atirmos longe o bridão e pensarmos no futuro do país, cuidarmos que as nossas riquezas não sejam oferecidas e sugadas, que continuem a ser levadas para o exterior, drenadas até se esgotarem, até que os futuros brasileiros nada mais tenham de seu, inclusive amor próprio, por decorrência sentimento nacional, o espírito de nação, a noção de país?

Qual dos postulantes que aí estão tem estofa para fortalecer as alianças internacionais já estabelecidas e formar novas alianças que nos permitam a busca do tempo perdido, a nossa sobrevivência como nação verdadeiramente organizada, como país soberano, a nossa realização como potência? Respondo: Nenhum! Não têm o trânsito nacional e internacional necessário para fazê-lo, a constituição multifacetada requerida pela envergadura do empreendimento, pela urgência de liderar a construção de um novo Brasil, inadiável. O que temos é a pregação de crimes contra os direitos humanos, contra a humanidade, a acumulação de grosserias, de dissimulações e nhe-nhe-nhens facilmente neutralizáveis, que não levarão a nada além de manter o país cativo de todos os interesses, menos os seus próprios, de sua gente real que vive e trabalha duro para sobreviver.

O país que não se tornar potência não sobreviverá, será cordeiro entre lobos; muitos não podem fazê-lo, nós (ainda) podemos.

Temos de nos corrigir em muitas coisas. À medida que as coisas forem ficando de fato difíceis, nem todos poderão de qualquer modo fazer parte das castas privilegiadas, nem todos poderão mudar-se para Miami, Portugal é impraticável; só de desempregados temos quase cento e quarenta por cento de sua população, só de desesperançados de conseguir trabalho, contando por baixo os seus dependentes na base de um para cada, temos praticamente um Portugal inteiro. Se contarmos os desempregados totais agregando mulher e dois filhos, critério bastante conservador, temos uma Argentina, dois terços da França. Construir um novo Brasil não é lazer ou exercício para quem não tem o que fazer, é tarefa para brasileiros de fibra, valor e noção de obrigação, questão de sobrevivência.

O Globo de sábado último, 28 de Julho, publicou matéria de Glauce Cavalcanti com a colaboração de Emiliano



Urbim sobre a qual todos deveriam ponderar, refletir: ‘Aproveite. 88% mais caro. Consumo à brasileira. Bom e barato nos EUA, programa caro por aqui, sobre Applebees. Direto do subúrbio para fantasias de luxo, sobre a lingerie Vitoria’s Secret, que nos EUA tem por público alvo as donas de casa do subúrbio. Sobre o Toyota Corolla, uma das opções mais baratas de EUA e Europa que aqui é premium e custa quase o dobro. Sobre a escova de dentes Curaprox, um bom produto sem nada de especial que aqui adquiriu status e é cultuadíssima. A matéria deveria tornar-se obrigatória nos dois últimos anos do primeiro grau, em todo o ensino médio e nos cursos universitários. É básico formar cidadãos conscientes das boas noções de consumo e das boas práticas consumeristas; isso é algo elementar na formação da cidadania pelos seus reflexos sobre toda a Sociedade, na Economia e nos destinos do país. Sem exageros. Lógico, com um país de 208 (duzentos e oito) milhões de habitantes, boa parte com mentalidade de colonizado, à sua disposição, ninguém no exterior quer alguma coisa mudando por aqui. E como está, está muito bom para os nossos maus industriais e comerciantes, a produzir e vender porcarias em termos de qualidade, a apresentar como *chic* o que são produtos populares em seus países de origem, por eles cobrando preços ridiculamente altos, é dizer, para o exterior somos apenas um bando de incapazes encantados com o que vem de fora, seduzidos por quinquilharias, que buscam ascensão social e *status* pela aquisição e exibição de produtos de baixa, regular ou apenas boa qualidade ou marca como se fossem de alta qualidade e padrão elevado nos países onde fabricados e originariamente vendidos, não importa o que seja.

Em suma, de nada adianta ficar reclamando, por exemplo, dos políticos que, queira-se ou não, são avatares da Sociedade que representam; eles começarão a mudar para melhor quando essa mesma Sociedade, ela sim, tornar-se melhor do que é hoje. A começar pela redução deles e de suas mordomias no Congresso, a nos custar uma exorbitância que não temos recursos para pagar. Depois, menos políticos em ação, menos problemas, que já os temos em demasia, administrativos, econômicos, sociais, de toda ordem.

